

NOTAS SOBRE LAZER, AVENTURA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES PARA ALÉM DO RISCO

Recebido em: 01/10/2024

Aprovado em: 06/02/2025

Licença: 

Luiz Gustavo Nicácio¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4882-2383>

RESUMO: As relações entre lazer e aventura tem recebido grande atenção de pesquisadores há quase três décadas. O objetivo deste trabalho é lançar reflexões sobre a atuação com a aventura tendo diferentes eixos de orientação, sem esquecer a dimensão do risco, mas sem que ele se torne elemento único da aventura. Trata-se de um ensaio que emerge do campo pesquisa e do mergulho na produção acadêmica para realização de uma tese de doutoramento em Estudos do Lazer. As provocações que permeiam este texto trazem considerações sobre diferentes pontos e como eles dialogam com a aventura a partir de um olhar conectado a educação não limitada a escola, as políticas públicas e outras pontes com o lazer. Como ponto central do debate está a perspectiva de buscar interfaces com a aventura que se orientam pela relação sujeito, sociedade e prática.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Aventura. Educação.

NOTES ON LEISURE, ADVENTURE, AND EDUCATION: REFLECTIONS BEYOND RISK

ABSTRACT: The relationship between leisure and adventure has received great attention from researchers for almost three decades. The objective of this work is to launch reflections on acting with adventure having different axes of orientation, without forgetting the dimension of risk, but without it becoming a unique element of the adventure. This is an essay that emerges from the research field and diving into academic production to carry out a doctoral thesis in Leisure Studies. The provocations that permeate this text bring considerations about different points and how they dialogue with adventure from a perspective connected to education not limited to school, public policies and other bridges with leisure. The central point of the debate is the perspective of seeking interfaces with adventure that are guided by the relationship between subject, society and practice.

KEYWORDS: Leisure. Adventure. Education.

¹ Docente do Colégio Técnico (Coltec) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro dos grupos de pesquisa: Caparaó/UFMG, NaPrática/UFMG, GEFuT/UFMG.

Introdução

Há quase trinta anos, utilizando como referência cronológica o trabalho de Bruhns (1997), a interseção entre lazer e aventura tem atraído atenção e dedicação crescentes na pesquisa acadêmica, em diálogo com o aumento da popularidade de atividades que desafiam limites pessoais e coletivos.

É importante nos atentarmos que esse movimento acadêmico bebe inicialmente, tal qual o texto de Bruhns (1997), numa ideia de retorno a natureza e posteriormente se amplia muito em função de pensar as modalidades e dialogar com o risco inerente as práticas. Betrán e Betrán (1995; 2016) nomeiam esse conjunto de práticas como atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e a elas atribuem um conjunto de características as colocando como um fenômeno de surgimento espontâneo, na década de 1960, sustentadas pela tecnologia que permitiria viver emoções únicas e se fundamentam no espírito da pós modernidade, que para os autores é a noção de cultura do consumo que leva a um individualismo hedonista e narcisista que mais do que uma noção ética era uma estética.

No Brasil, o movimento de apropriação do trabalho de Betrán e Betrán (1995) e o investimento de diferentes pesquisadoras e pesquisadores pioneiros levou a um crescimento da produção, mas, em certa medida uma centralidade numa noção de aventura enviesada na perspectiva do risco, mas um risco específico o de morte ou grandes chances de se machucar. Tal noção pode ser um entrave na perspectiva da elaboração de políticas públicas de esporte e lazer, no desenvolvimento das práticas de aventura na escola, no engajamento de pessoas no turismo de aventura e em outras frentes de interesse social.

Neste sentido, este ensaio, que emerge de um trabalho de doutoramento no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na

Universidade Federal de Minas Gerais, tem por objetivo problematizar a noção de aventura associada as atividades desenvolvidas no âmbito do lazer e de que maneira isso pode impactar a adesão das pessoas a elas e seu papel na perspectiva da educação.

No trabalho de Betrán e Betrán (2016) os autores trazem em uma nota de rodapé uma ponderação que pode ser o ponto de partida para começarmos a questionar a noção de aventura, em conjunto a de risco, que está colocada em grande parte dos trabalhos e no imaginário das pessoas ao falar de aventura.

Una misma práctica puede suponer una sensación de riesgo auténtico para unos y sin embargo para otros la misma actividad puede resultar poco excitante, aunque todos los practicantes trataran de vivir 'su aventura'. La aventura en las AFAN no proviene propiamente de la experiencia práctica sino de su dimensión imaginaria o simbólica, ya que la aventura aparece como una escenografía para la gestión controlada de emociones, en donde las acciones de la práctica se subordinan a las percepciones y los riesgos reales a los peligros imaginarios (Betrán e Betrán, 2016, p.73).

A noção de produção da aventura apontada pelos autores nos leva a uma condição muito similar em relação ao lazer. Não se trata de dizer se uma atividade é ou não aventura, mas, sim de compreender nuances histórico sociais que vão colocar uma pessoa na possibilidade de experienciar uma prática de aventura. Não cabe, portanto, tensionar para se dizer ou que é ou não uma atividade de aventura a partir da prática por si só, tampouco dizer que qualquer coisa pode ser aventura. O que provoco aqui é que precisamos estar atentos ao caracterizar a aventura para não incorrermos na limitação de proposições no âmbito do lazer e da educação e, assim, potencializar estas dimensões nas diversas possibilidades destas práticas. É importante salientar que não se trata de desvalorizar as práticas de risco extremo, perspectivas de se aventurar em situações de exposição corporal elevada e que demandem um maior grau de condicionamento físico e conhecimento técnico. A reflexão aqui proposta se mobiliza exatamente pelo autor, pesquisador, professor deste ensaio compreender que há outras portas de entrada para a aventura e negligenciarmos suas possibilidades pode ser um fator limitante para o lazer, a educação e as políticas públicas.

Aventurando ao Pensar Aventura

É sempre um desafio se lançar a olhar conceitualmente para um tema que já tem mais de um século de reflexões e produção de autores de alta relevância como é o caso da aventura. Georg Simmel traz contribuições já em 1908, quando da publicação do livro *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, traduzido posteriormente para diversas línguas, no qual se encontra o texto “a aventura”. Simmel (2005) em sua obra não opera exclusivamente com a noção de risco associada a ideia de exposição física, já naquela obra o autor excede esta perspectiva colocando o sentido de arriscar-se ao novo, que pode lhe trazer consequências ao expor-se a algo que foge do que se realiza no fluxo normal da vida. Santos (2014, p.189) se debruçando sobre o trabalho de Simmel, explicita que este define aventura como “aquilo que está em oposição aos encadeamentos dos círculos da vida, como um corpo estranho em nossa existência (ein Fremdkörper in unser Existenz) que, no entanto, está de alguma forma vinculado ao centro”. Ou seja, o ponto de partida para a aventura está no rompimento do contínuo da vida, e ainda que possa ser uma parcela menor de tempo, ela é central, uma vez que vem carregada de significados. Daí uma importante questão na interlocução com o lazer, visto essa diferenciação entre tempos de compromisso da vida, sem que, no entanto, isso seja uma desvinculação dela. A aventura não é um tempo de desconexão da vida, é, na verdade fruto/fluxo dela. Neste sentido, é importante estarmos atentos ao olhar de Simmel (2005) sobre o risco, em que não se trata especificamente da exposição física, ainda que possa ser esse o tipo de risco, mas, excedendo essa perspectiva, podemos compreender como o sentido de arriscar-se ao novo, que pode lhe trazer consequências ao expor-se a algo que foge do que se realiza no fluxo normal da vida.

Em outro movimento sobre a aventura podemos dialogar com Le Breton, o pesquisador francês tem grande circulação na academia brasileira e também nas mídias

de massa no país. Le Breton (2016), explora a noção de aventura com ampliada atenção e demarcação do risco numa perspectiva de impacto a vida, ou de perdê-la. Como exemplo de possibilidades coletivas de aventura, o autor aponta características de algumas sociedades, ele cita os Vikings, os Cruzados, os Árabes, os Tártaros. Em comum, têm a dimensão da conquista, que era incitada pela busca de aventurar-se. Este movimento coincide duas perspectivas, um risco mais intimamente ligado à possibilidade de morte ou graves ferimentos, e um desejo de conquista, submissão, subjugar. Se, no caso das sociedades citadas por Le Breton, essas dimensões estão associadas a relações humanas primordialmente, podemos também no contexto mais recente observá-la numa relação com a natureza ao se colocar em risco de morte e um desejo de conquista. No que tange ao risco, Le Breton (2009) destaca ainda um forte desejo humano em relação a ele associado a superação do perigo e do risco como capacidade de provação, valoração que pode ser transferida a outros ambientes e que pode ser o fator motriz de uma busca pela aventura.

Ao observar o texto de Gutiérrez (2016) vemos que este destaca que falar de aventura é uma aventura, visto que não se trata de uma coisa ou entidade. Ele destaca a relatividade da dimensão do ser aventura, como podendo tornar-se ou não algo assim. O autor coloca em questão as dúvidas que podem ocorrer ao perguntar a um dito aventureiro o que para ele é a aventura, havendo a chance de cair na tautologia de dizer que a aventura é a aventura. O que dialoga de forma direta com o que foi dito por Simmel, que assume que:

cuando de dos vivencias cuyos contenidos especificables no son nada diferentes una es considerada como una <<aventura>> y la outra no, lo que se pone en juego para conferir a una tal significado y nergárselo a la otra es esa diversidad en la relación con el todo de nuestra vida (Simmel, 2016, p.251).

Ainda que os autores estejam falando de movimentos distintos, um da nomeação do ponto de vista conceitual, o outro sobre a perspectiva da prática, ambos nos acenam

com uma aproximação de olhares para a aventura em uma individualidade no que a define para o sujeito.

Em outra perspectiva ao refletir sobre a aventura, Savater (2016), a relaciona com o tempo, entendendo-a como o tempo preenchido de significado, apaixonado, que não pode ser quantificado. Por ser escritor e entusiasta literário, Savater lança pontes entre a aventura e a literatura nos ofertando a possibilidade de refletir sobre os elementos que antecedem o se lançar a uma aventura. Essa perspectiva nos convida a pensar sobre as relações com o corpo, ao se lançar à aventura. Retomando o autor Gutiérrez (2016), ele alerta que a aventura, como todos os acontecimentos incorporais, é encarnada numa disposição entre os corpos e as coisas materiais. E que a maneira de melhor transmiti-la é a narrar, sendo a compreensão natural da aventura o seu relato. Portanto, a aventura não se encerraria em si, ela se constituiria e continua a partir da sua narração que é fundante dela própria.

Beames, Mackie e Atencio (2019), em seu exercício de conceituar aventura fazem um questionamento aos leitores listando oito possíveis situações e perguntam quais se tratariam de uma aventura. Posteriormente, fundamentados por todo o exercício anterior que haviam produzido afirmam que todas elas podem ser entendidas como aventura. Entre as situações estão “Ter um pneu furado enquanto dirigia sozinho no meio da noite em uma estrada rural/Começar em uma nova escola / Fazer uma escalada ao ar livre pela primeira vez” (Beames, Mackie e Atencio, 2019, p.23). Entretanto, para sua obra *Adventure and Society*, eles destacam que é preciso que dividamos a que aventura interessa a produção. Tal como no referido livro, a este ensaio interessam as práticas relacionadas a aventura que ocorrem a partir de escolha deliberada, numa intencionalidade de aventurar-se e em diálogo com distintas dimensões de risco.

Existem muitas pessoas no planeta que não têm a menor intenção de adicionar aventura de nenhuma ordem em suas vidas. Para Beames, Mackie e Atencio (2019) é preciso entender que a aventura é culturalmente relativa e que para alguns povos, lançar-se a aventura simplesmente pela aventura é um absurdo. As aventuras do ponto de vista de um conjunto de práticas corporais são buscadas ativamente, e são mais ou menos planejadas.

Ao ocupar o lugar de pesquisador das atividades de aventura; professor que atua com elas na escola ou formação de professores; gestor/analista de políticas públicas; agente do campo do turismo; empreendedor; gestão de OSC entre outras possibilidades de atuação destaco a importância de se ampliar o olhar sobre o se aventurar e as conexões que estão presentes para produção deste sentido para as diferentes pessoas. Essa ampliação pode proporcionar maior adesão, melhor entendimento das possibilidades de ofertas e quebra de estigmas que distanciam as pessoas destas práticas quando há deslocamento da atenção na elaboração, oferta e divulgação em uma única linha de entender a aventura associada a vertigem e risco extremos.

Interloquções da Vida: Permitindo e Limitando a Aventura nos Tempos de Lazer

Os diálogos com a educação, com políticas públicas e o mercado de trabalho neste texto emergem da conexão com o lazer para a vida dos sujeitos. Propor um exercício de se pensar a aventura e suas interloquções com o mundo demanda pensar a vida e as conexões e bloqueios que são produzidos para e pelos sujeitos. Nesse sentido o exercício a seguir é de debater possibilidades de facilitação do acesso a aventura nos tempos de lazer a partir de compreender que em alguma medida podemos ter permissões e bloqueios a aventura.

O entendimento de aventura pode se configurar como um facilitador ou dificultador para vivenciar experiências aventureiras para as pessoas. A quem se destina a aventura? Quem pode pagar pela aventura? Quem tem conhecimento técnico para se aventurar? Onde se aprende a aventura? Estas e outras perguntas podem passar pela cabeça de quem deseja vivenciar ou oferecer um conjunto de práticas. Marcellino (2012) fala das barreiras para acessar as práticas de lazer, listando alguns eixos e pontuando exemplo de como elas atuam como limitantes para as pessoas ao buscar um conjunto de práticas. Do mesmo modo podemos pensar sobre barreiras para a aventura.

Mantendo o foco no objetivo deste ensaio, o debate em relação às barreiras sobre a aventura estará centrado em como a construção do entendimento de aventura e como suas reverberações sociais impactam nesse acesso.

O primeiro elemento importante é se pensar de que maneira são construídos os entendimentos de aventura. Num processo educacional, por exemplo, as práticas corporais de aventura que são conteúdos da educação física na escola. Ou se pensarmos a elaboração de um roteiro turístico que tenha a aventura no seu cerne, é essencial compreender qual discurso é retratado ao produzir a noção de aventura. Em diálogo com Gutiérrez (2016) e Savater (2016) é importante destacar o narrar, o falar sobre o se aventurar e os meios de comunicação que produzem essas ideias.

A literatura é um forte propulsor do entendimento de aventura, assim como a pintura, o teatro, a música, o cinema, a televisão e outros meios de se comunicar. Pensemos sobre “A Iliada” de Homero, que é em geral caracterizada como a narração da Guerra de Tróia, que teria ocorrido por volta de meio milênio antes da escrita do poema no século IX antes de Cristo (Zanon, 2008), pode nos mobilizar em reflexões sobre os sentidos de aventura. As narrativas ali presentes representam potenciais associações que ainda permanecem fortemente vinculadas a aventura. Podemos

observar a dimensão do conflito, que no caso do livro se manifesta na própria guerra, mas que nas práticas em tempos atuais estaria na relação praticante e ambiente/equipamentos/natureza. Se por um lado no livro o cenário primordial é o campo de batalha e os desafios e riscos se colocam no próprio combate, nos contextos das práticas atuais o conflito está no lidar com o ambiente em que se pratica, tanto o urbano ou o meio natural. Seja a imponente de uma montanha, ou a lida com uma rampa de skate. Há um conflito em questão que nos leva a outra associação, a busca da glória e honra. No caso da *Ilíada* e outros livros de aventura encontramos a busca destes dois elementos que, muitas vezes, estão associados a uma chamada simbólica a aventura. Fazendo um paralelo com as atividades de aventura no período atual podemos tomar honra e glória pelo deleite da conquista, ou a superação de desafios pessoais em âmbito coletivo. Realizar determinada travessia, manobra, resistir às intempéries, entre outras possibilidades são um marco para este elemento. E outro elemento que pode estar presente nesta trama é o drama/tragédia. O risco de morte, ou a morte em si, como elemento contextual fortemente valorizado ao se falar de atividades de aventura.

Tahara e Carnicelli Filho (2013) afirmam que na década de 1980 no Brasil as atividades de aventura eram pouco faladas e uma das visibilidades delas eram as modalidades frequentemente retratadas no seriado “Armação ilimitada”. É interessante nos atentarmos ao canal de televisão em que o seriado era transmitido e o impacto que ele tinha socialmente. A rede que o transmitia detinha grande vantagem em relação a assistência do público em âmbito nacional. No programa, Juba e Lula eram os protagonistas e suas histórias se baseavam em resolver crimes com situações absurdas e perigosas em que os heróis do seriado utilizavam alguma modalidade de aventura como parte do plano para solucionar o problema do episódio.

Outras tantas obras poderiam ser listas aqui ao longo de séculos para exemplificar como o entendimento de aventura é produzida há muito tempo, antes mesmo de teoricamente produzirmos as noções de atividades de aventura, assim, concordo com Beames, Mackie e Atencio (2019) quando estes afirmam que o conceito socialmente acordado do que significa ser aventureiro é construído em histórias, imagens e ideias que estão vinculadas a certas forças culturais dominantes. Neste sentido, é importante pensarmos a quem se destina a aventura nessa construção histórica do se aventurar.

Se observarmos a inclusão da aventura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vamos encontrar o entendimento que nas práticas corporais de aventura (PCA):

exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador[...] As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado [...] Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (Brasil, 2018, p.218-219).

É essencial nos atentarmos que o documento que potencializa e convida professoras e professores a atuar com a temática na Educação Física escolar se alinha a mesma direção do discurso corrente sobre aventura. Curiosamente o termo paisagem aparece para falar do espaço urbano. Falar de paisagem nesse contexto não é um problema, pelo contrário, pensar o urbano sobre essa perspectiva amplifica as potencialidades destas práticas nas cidades. Entretanto, talvez a percepção da paisagem seja um elemento significativo para o trato com a temática na escola e em outras experiências com a aventura.

Na totalidade paisagem, a atenção não se prende a objetos, manifestações ou fenômenos isolados. Ela emerge de uma implicação sensível do homem no ambiente que, em meio a sons, cheiros, cores, pensamentos, coisas, humores do tempo, semoventes, enfim, ao movimento da vida, cria dele uma unidade sintética sensível, cujos elementos particulares já não conhecem mais da individualidade. O sujeito autor da paisagem, num único e mesmo ato psíquico, que diferentes autores chamam de *Stimmung*1, *aura*, *halo* ou *atmosfera*, seleciona e reorganiza esses elementos numa totalidade, tornando o mundo limpidamente claro (Bessa, 2021, p.28).

Falando a partir da escolha dos redatores da BNCC, pensar aventura na natureza ou no urbano, a paisagem e esse conjunto de implicações sensíveis que o sujeito está imerso ao realizar as práticas de aventura caberiam como um eixo orientador no ambiente escolar. Dar centralidade as perícias e proezas frente ao inesperado nas PCA soa como desconsiderar o objeto da Educação Física na escola, a cultura corporal de movimento, além do próprio papel da escola. Já orientar este trabalho a partir da noção de experiência ao se aventurar, pode ser constituinte de pontes de interesse social na formação dos estudantes ao compreenderem o mundo e a si mesmos nele. O desejo puro pela execução de proezas e perícias, o imaginário da conquista, da vitória sobre o ambiente podem se constituir como um fator contraditório ao pensar a perspectiva de educação ambiental, de formação humana, de inserção social entre outros interesses e papéis da vida escolar.

A cultura e de que maneira ela se manifesta e impacta a vida dos estudantes e famílias está a algum tempo em amplo diálogo com a perspectiva da aventura de maneira mais ampla. Se por um lado há cada vez mais o desejo de se lançar ao mundo, conhecer outros espaços, pessoas, experiências gastronômicas, artísticas, além, é claro, daquelas que efetivamente são o cerne deste texto. Por outro um lado, como dito Beames, Mackie e Atencio (2019), o objeto de interesse são as atividades físicas com deliberada intenção de se lançar aos imprevistos e riscos associados a essas atividades, então, não podemos negligenciar que essa noção de aventura se constitui numa totalidade do ser.

Ainda que haja ponderações a serem feitas sobre a alocação temporal acerca da emergência das AFAN na década de 1960 feita por Betrán e Betrán (2016), esse marco histórico pode nos colocar em diálogo com observações sobre o risco e a sociedade a

partir de reflexões de outro autor. Beck (2011) nos convida a pensar sobre uma perspectiva social de riscos em âmbito global e que emerge justamente na intensificação do processo de globalização que coincide com o momento histórico apontado por Betrán e Betrán. Desastres ambientais, crises econômicas, pandemias, terrorismo são exemplos de riscos conectados ao que Beck chama de sociedade do risco.

Na sociedade do risco, há uma percepção crescente de que o progresso tecnológico e científico, ao invés de garantir segurança absoluta, gerou novos riscos e incertezas globais. As atividades de aventura, em alguma medida, têm potencial de colocar os sujeitos frente a um simulacro social da sensação de vulnerabilidade e incerteza da sociedade contemporânea, mas numa perspectiva de lazer. Se na sociedade do risco se tenta minimizar essa imprevisibilidade para redução dos riscos as atividades de aventura viriam numa contra direção produzindo sensações e emoções exatamente por uma reconexão com o imprevisível. Todavia, é preciso ter em mente que ainda que haja um grupo de pessoas que se direciona a um desejo do risco extremo, podemos pensar que há um largo espectro entre os desejos e buscas em relação ao risco e à aventura. Isso nos coloca num necessário exercício de conversa entre sociedade e aventura. Ao mesmo tempo devemos debater amplamente o direito ao risco e ao se arriscar em diferentes práticas muitas vezes olhadas com desgosto social pelo seu alto grau de exposição. Também é preciso nos atentar ao promover processos de formação docente, de profissionais do lazer e gestores públicos e privados para os potenciais caminhos por meio desse espectro da aventura que mapeie e transite por ele.

Essa correlação entre sociedade e aventura precisa ser considerada nos cursos de formação das diferentes áreas que atuam com estas atividades, não só as licenciaturas. Além disso, em todas as perspectivas de atuação. Levar em conta relações de gênero, por exemplo, vai muito além da violência contra a mulher na sociedade que

historicamente se faz presente. Em um dos dias em campo para pesquisa do doutoramento cruzei com uma corredora de montanha sozinha na trilha para o Pico da Bandeira, imediatamente me coloquei a pensar nos riscos para ela ali, não da atividade em si, mas dos que se configuram por ser mulher. Passados não mais que alguns segundos, ela subindo correndo e eu descendo também correndo, parei alguns metros à frente para pensar sobre aquilo e questionar a mim mesmo quais outras potenciais barreiras poderiam existir para a prática da corrida de montanha para aquela mulher.

A ideia de que as atividades de aventura são acessíveis as mulheres, segundo Warren (1985), é baseada no entendimento de que as experiências ao ar livre estão amplamente disponíveis para mulheres. Com mais mulheres participando ao longo dos anos em meio a propostas mistas em provas e programas de viagem, há então a promoção da aparência de acesso igualitário (Warren, 1985). Entretanto, é preciso entender que há, mesmo quase quatro décadas após a publicação do referido artigo, a manutenção dos diversos fatores elencados pela autora, ainda que em alguma medida possam ter sido atenuados.

Entre as questões apresentadas pela autora, cabe destacar uma, aos homens há um valor anterior das experiências de aventura, enquanto para as mulheres isso não é tão comum assim. Desde a noção de modelo de aventureiro quando se pensa na figura do homem que se aventura, a condição do próprio chamado a se aventurar a relação entre homens e mulheres ainda é bastante distinta. Se retomarmos a perspectiva das narrativas nas artes por exemplo, é recente imaginarmos a figura de personagens centrais e com grande destaque que sejam mulheres e aventureiras que buscam a aventura ao invés de ter sido levadas a ela como falta de opção. Se observarmos as histórias das “princesas da Disney” por exemplo, há uma evidente diferença no enredo de animações das décadas de 1990 e anteriores e algumas pós década de 2000. Se

observarmos o chamado aventura associada ao desejo por ela identificaremos Moana, lançada em 2016. As demais personagens nas animações de “princesas”² trazem consigo marcas muito significativas que podem ser encontradas em paralelo nas reflexões de Warren (1985). O primeiro elemento que sem exceção todas estão prezas é a presença do par romântico masculino. Em vários casos, inclusive é por esse par que a aventura se inicia e não pelo desejo da aventura. Assim, a construção da narrativa não é sobre o desejo de se aventurar, mas numa relação externa. Mesmo em Mulan, em que o par romântico emerge em meio a história, outras características sobre a relação entre mulheres/meninas e a aventura aparecem.

No caso de Mulan, antes do enredo principal ela é colocada na figura de quem **deve** se casar, e na leitura da casamenteira ela era uma “desgraça” uma vez que não apresentava as características desejadas em uma jovem mulher para o casamento. Em contrapartida a personagem se atenta as histórias de sua família, nos “guardiões”, no respeito a história de seu pai como grande guerreiro. A narrativa da aventura está ali, carregada dos elementos citados anteriormente como em a *Iliada*, contudo, fora do alcance da protagonista uma vez que ela é mulher. Diferentemente, em Moana, a perspectiva da posição da protagonista está num abandono das tradições de seus ancestrais da aventura que ela se sentia desejosa. Ela não foi exclusivamente jogada na aventura, ela desejava, e supera barreiras que não era dela em si, mas da própria comunidade que vivia. É importante destacar que na percepção deste autor, vale uma análise reflexiva sobre representatividade e aventura a partir das personagens femininas em obras para se pensar, por exemplo, o impacto disso na educação de meninas nas escolas e que isso daria muito mais do que um bom artigo quando feito.

² Escrito entre aspas pois efetivamente nem todas são princesas na acepção concreta da palavra, mas a própria Disney trata a todas por esta nomenclatura em suas peças comerciais, parques e afins.

A ideia de mulher aventureira no Brasil até algumas décadas atrás era altamente pejorativa, denotando muitas vezes uma relação de promiscuidade, não atenção a valores tradicionais entre outros elementos que visavam desvalorizar a mulher ao usar este adjetivo. Há algum tempo, grandes marcas e empresas de comunicação têm investido num movimento representativo do sentido contrário. Buscando valorizar a experiência da mulher que se aventura, mas, que em alguma medida, pode acabar incorrendo, dadas as escolhas feitas para isso, naquilo que Warren (1985) chama de “o mito da supermulher”. Para a autora, algumas associações colocam determinadas mulheres em um grau tão alto de performance e numa condição tão inimaginável para a média da população, que isso, somado ao contexto social geral, ao invés de gerar uma identificação e uma imagem de - quero ser como ela -, produz um sentimento de - ela é única, especial, anormal, inalcançável. Warren, Mitten e Lotz (2018) investigaram elementos do currículo oculto e relações de gênero na formação em aventura. As autoras apontam que identificaram, a partir de questionários aplicados a profissionais que atuavam há, ao menos 15 anos no campo da educação em aventura, perspectivas que se utilizavam de linguagem sexista, a valorização de valores masculinos no trato com estas atividades, processos de ensino insensíveis ao gênero dos estudantes, além de uma centralização da história do homem branco nestas práticas.

Os apontamentos de Warren, Mitten e Lotz (2018) se referem a profissionais atuantes nos Estados Unidos, contudo, podemos imaginar que não haja um distanciamento desta realidade no Brasil. Além do elemento de gênero que era central ao estudo das pesquisadoras, devemos observar outro ponto importante, a centralidade da história do homem branco nestas práticas. Para além da construção do entendimento de aventura, é preciso pensar sobre representatividade nestas práticas e quem é chamado a elas. Dizer que qualquer pessoa pode escalar, andar de skate, praticar parkour, andar

de slackline, fazer trekking e afins é desconsiderar toda uma construção social sobre as práticas. Imagine uma cena: um grupo de jovens, praticando parkour numa praça pública saltando bancos, escalando pequenas paredes, se equilibrando em corrimãos, saltando e rolando na grama. Agora imagine um grupo completamente formado por jovens negros, outro formado só por jovens brancos, a perspectiva com que eles serão olhados será a mesma? A sensação de segurança e disponibilidade do local para com eles será igual? A própria prática do Parkour, assim como tantas outras atividades de aventura associadas ao urbano, já é dissipada pela sociedade e carregada de preconceitos que acabam por se associar a outros preconceitos socialmente estabelecidos como o racismo ou a aporofobia.

Os investimentos de grandes empresas em produção de vídeos, patrocínio de atletas de aventura, patrocínio de eventos têm sido um catalisador para popularização das atividades de aventura pelo mundo. Em contrapartida, é preciso nos atentar aos dois gumes dessa faca. Por um lado, isso gera a maior capilarização destas práticas uma vez que, diferentemente dos X-Games que eram restritos aos assinantes de canais de TV a cabo e os conteúdos do canal Off, por exemplo, as produções vindas destas grandes marcas têm grande circulação em espaços mais acessíveis como as redes sociais. Por outro lado, temos a noção de práticas muito caras e altamente arriscadas tomando conta do imaginário de se aventurar, de uma baixa representatividade negra e mesmo de mulheres. Ao acessar a página de uma das principais produtoras de conteúdo, a RedBull³, que tem seus eventos próprios, equipes e atletas patrocinados, há listados 33 atletas brasileiros patrocinados, sendo 26 homens, 7 mulheres e quantas pessoas destas

³ <https://www.redbull.com/br-pt/athletes?filter.countryCode=BR> acessado em 20 de setembro de 2024 às 16h.

podem⁴ ser reconhecidas como pessoas negras, sendo que dois possíveis deles são atletas de futebol?

No livro “Da sucata ao Everest: a saga de Aretha Duarte” (Rubin e Grilo, 2022), Aretha Duarte conta o processo de se tornar a primeira mulher negra da América Latina a alcançar o pico do monte Everest. Aretha que é formada em Educação Física e trabalha como guia de alta montanha no livro e em participações em eventos, entrevistas e afins⁵ conta que até chegar à graduação não vislumbrava a possibilidade de escalar ou praticar atividades em alta montanha. Na região onde ela vivia práticas como estas não eram colocadas em pauta como possibilidade para crianças e jovens. Sua conquista, mais do que uma dimensão pessoal carrega elementos de potencializadora das diversas práticas, não só pelas ações sociais que ela mesma tem produzido, mas, pela figura de representatividade. Diferente do mito da supermulher colocado por Warren (1985), a figura de Aretha se coloca numa trajetória concreta e real para meninas negras da periferia, contudo não só para elas. O “alguém daqui fez” tem um peso diferenciado ao pensarmos representatividade. Como se interessar por uma prática que nunca se ouviu falar e que em televisão aberta ou outros meios de comunicação só se enfatiza os riscos e o que se vê são altíssimos custos?

As atividades de aventura têm inúmeros potenciais seja no meio urbano ou ambientes naturais: processos educativos e socialização; educação ambiental; potencial turístico e econômico; engajamentos para combate ao sedentarismo; redução da violência ao ocupar espaços públicos urbanos; entre outros. Contudo, é essencial que para o convencimento e sedução das pessoas para essas práticas o entendimento de

⁴ Não afirmar categoricamente quantos são ou não negros passa por entender que há múltiplas facetas neste processo: a autoidentificação, a heteroidentificação, perspectivas de colorismo, entre outras para essa identificação no Brasil e no mundo. Recomendo assistir ao vídeo <https://www.instagram.com/reel/C5BhYc5gnPt/?igsh=cWZodGlpZnlsaDdy> da educadora e pesquisadora Barbara Carine Soares Pinheiro e o livro “Como ser um educador antirracista” da editora Planeta do Brasil da mesma autora para melhor entendimento das questões relacionadas.

⁵ Sugestão aos leitores a gravação da mesa “O desafio da mulher negra no everest” no XIII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SzphxjnjMFg>

aventura e sua conexão entre sujeito, prática e sociedade sejam ampliados. Quantas famílias precisam, ao receberem a notícia que a escola de seus filhos organizará um acampamento ou trilha, de elementos sobre a aventura que não negligenciem o risco e ignorem toda uma outra composição do se aventurar? Quantas empresas pensam em programas de integração de suas equipes e podem temer pela condição de saúde de seus empregados em uma atividade de desenvolvimento que envolva atividades de aventura? Como propor políticas de esporte e lazer visando o bem-estar social se estas práticas são olhadas apenas pelo viés do risco e como potencial problema para a secretaria de saúde?

Uma série de trabalhos já tem se dedicado a discutir aventura a partir de questões de grupos de minorias, contudo, talvez seja uma provocação a ser olhada com mais cuidado que nos debrucemos sobre como o entendimento de aventura impacta as relações produzidas para que estas práticas possam alcançar maior número de pessoas e seus potenciais educativos, sociais e econômicos.

Considerações desse Momento

Não se trata de abraçar outra perspectiva de entender aventura e descartar a perspectiva de risco extremo, pulsão de vida por meio do risco de morte, dos desafios de alto nível. O risco e a incerteza são inerentes a aventura. Contudo, a reflexão aqui colocada é de, ao definir os caminhos escolhidos em documentos, peças de promoção, atividades docentes, políticas públicas entre outras ações que seus proponentes não se restrinjam a essa visão. Parece importante que as tomadas de decisão considerem a construção histórico social do se aventurar, a influência sofrida pelas artes e mídia, e a diversidade de possibilidades de vivenciar a aventura.

O parkour não trata somente de saltar prédios. O slackline não é apenas o highline ou o trickline. O montanhismo não é apenas chegar ao cume do Everest ou

Aconcágua. Não se anda de skate só na mega rampa ou nos *Half pipe* dos X-Games. O slackline em praças, o montanhismo com trilhas de baixo grau de dificuldade, o skate na rua ou praças também são aventura. Não são apenas os jovens e altamente habilidosos que têm o desejo e podem desfrutar de atividades de aventura.

Compreender e trabalhar com a aventura a partir de elementos da experiência, da narrativa sobre se aventurar, do desfrutar, da paisagem, do desejo para além do risco, pressupõe considerar os elementos que circundam o que antecede a aventura e o próprio sujeito na relação com a prática e não só a prática em si.

O imaginário e o desejo de práticas provavelmente vão se lançar em direção às competições e exibições de alto rendimento, às práticas de alto risco ou custo, às experiências que podem ser tidas como mais intensas. Contudo, ao pensarmos a promoção da saúde, as políticas públicas de lazer e os processos educativos, parece produtora a ampliação do sentido da aventura para o ganho de adeptos, ocupação dos espaços públicos e iniciativas privadas, mediar processos de educação ambiental, facilitar o acesso de diferentes gêneros e classes sociais, e mesmo ampliar a atenção e adesão às atividades de aventura que ocorrem na perspectiva do alto risco mediados por uma sensibilização do se aventurar.

REFERÊNCIAS

BEAMES, Simon; MACKIE, Chris; ATENCIO, Matthew. **Adventure and Society**. Palgrave Macmillan Cham. Edição do Kindle. 2019.

BECK, Ulrich. **Sociedade do risco**: rumo a uma outra modernidade. 2 ed. Editora 34, 2011.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura. In: BESSA, Altamiro Sérgio Mol (Org). **A unidade múltipla**: ensaios sobre paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.

BETRÁN, Javier Oliver; BETRÁN Alberto Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts. Educ Fis Deporte**, v.41, n.3, p.108-23, 1995.

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN Alberto Olivera. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apunts. Educ Fis Deporte**, v.124, n.2, p.53-88, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.

BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.18, n.2, p.86-91, 1997.

GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz. Justo una idea: la aventura de pensar. In: Vários autores. **La aventura: Justo una idea** (Fuera de formato nº 1) (Spanish Edition) (p. 19). La Línea Del Horizonte Ediciones. 2016. Edição do Kindle.

LE BRETON, David. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas – SP: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. Para una antropología de la aventura. In: Vários autores. **La aventura: justo una idea** (Fuera de formato nº 1) (Spanish Edition) (p. 19). La Línea Del Horizonte Ediciones. 2016. Edição do Kindle.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

RUBIN, Débora; GRILO, Rodrigo. **Da sucata ao Everest**: a saga de Aretha Duarte. Porto Alegre: Dialogar Editora, 2022.

SANTOS, Antonio Carlos. Simmel, tradução e aventura. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n.33, p.189-198, Jan/jun 2014.

SAVATER, Fernando. Leer, ler y ler. In: Vários autores. **La aventura: justo una idea** (Fuera de formato nº 1) (Spanish Edition) (p. 19). La Línea Del Horizonte Ediciones. 2016. Edição do Kindle.

SIMMEL, Georg. A Aventura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Editora UnB, 2005.

SIMMEL, Georg. Para una psicología filosófica. La aventura. In: GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz *et al.* **La aventura: justo una idea**. Madrid: La Línea del Horizonte, 2016.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de educação física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v.1, n.1, p.60-66, 2013.

ZANON, Camila Aline. **A Ilíada de Homero e a Arqueologia**. 2008. 198f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.

WARREN, Karen. Women's Outdoor Adventures: myth and reality. **Journal of Experiential Education** v.8, n.2, p.10-15, 1985. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/105382598500800203> Acesso em 10 de maio de 2023.

WARREN, Karen; MITTEN, Denise; LOTZ, Erin. The Gendered Hidden Curriculum of Adventure. Novembro 2018. **Education. Journal of Experiential Education** v.42, n.3. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1053825918813398> Acesso em 10 de maio de 2023.

Endereço do Autor:

Luiz Gustavo Nicácio
Endereço eletrônico: luiz.nicacio.ef@gmail.com